



XII CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO COPED

PAULO FREIRE: TRABALHO E PRÁTIS EMANCIPATÓRIAS

22 a 24 de Set. 2021



FOTO CEDIDA PELO INSTITUTO PAULO FREIRE

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E A DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Sabrina Vieira Teixeira
PPGL-UFSC

sabrina.vieirat@live.com

Carla Regina Martins Valle
PPGL-UFSC

carlaval10@gmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta a análise de um questionário aplicado com 18 professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental acerca de conceitos básicos sobre língua. Para dar conta da proposta, foi realizada uma análise documental e bibliográfica, refletindo sobre a relação do posicionamento das professoras com o que preveem os documentos e sugerem os estudos na área. Em geral, as professoras apresentaram posicionamentos do senso comum, o que indica que o trabalho efetuado em sala de aula pode estar longe de uma perspectiva variacionista de língua. Portanto, vê-se a necessidade do cuidado com os estudos linguísticos na formação de professores, bem como de cursos de formação continuada, pois o domínio desses conhecimentos permite ao professor uma prática que respeita as identidades dos alunos, utilizando a língua como instrumento de exercício da cidadania e inserção social.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística, Ensino de língua, Formação docente.

INTRODUÇÃO

A variação linguística está presente nos documentos norteadores do ensino no país e é fundamental que a compreensão, por parte dos professores esteja bem consolidada, pois depende diretamente disso seu posicionamento no espaço escolar. Afinal, a língua do falante constitui parte de sua identidade e o professor que anula uma, o faz também com a outra.

Por conta disso, esse estudo foi realizado em busca de entender como as professoras lidam com a variação linguística em sala de aula e de que forma essa abordagem pode contribuir para um ensino de língua que considere as demandas sociais contemporâneas. Para fundamentar a análise das entrevistas, foi realizado um levantamento sobre o que dizem os documentos oficiais de ensino e as pesquisas recentes a respeito da variação linguística, e de que forma as respostas das professoras dialogam (ou não) com esses materiais.

PROBLEMA DA PESQUISA

Entender como professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental lidam com a variação linguística em sala de aula e de que forma esta abordagem pode contribuir para um ensino de língua que considere as demandas sociais contemporâneas

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Pesquisa com abordagem qualitativa e descritiva, com detalhamento e interpretação de dados, análise documental e bibliográfica.

REFERENCIAL TEÓRICO - DOCUMENTOS

Num Brasil que ainda possui a maioria da população marginalizada e com pouco ou nenhum privilégio, a língua representa um forte símbolo de poder, sendo critério de aceitação ou exclusão dos sujeitos em contextos onde “saber português” é condição fundamental para o estabelecimento das relações.

Nesse sentido, vale ressaltar que, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, “espera-se que os alunos adquiram progressivamente uma competência em relação à linguagem que lhes possibilite resolver problemas da vida cotidiana, ter acesso aos bens culturais e alcançar a participação plena no mundo letrado” (BRASIL, 1997, p. 33). Paralela a isso, a Base Nacional Comum Curricular propõe “compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem” (BRASIL, 2018, p. 85). Assim, o papel da escola é possibilitar ao aluno o desenvolvimento pleno dessa competência comunicativa, orientando o uso e adequação tanto das regras de formação das sentenças quanto às normas socioculturais de cada contexto, ampliando os recursos comunicativos para cada tipo de interação.

REFERENCIAL TEÓRICO - CONHECIMENTOS DE BASE

Conforme Görski e Coelho (2009), a variação linguística pode envolver as dimensões regional ou geográfica, social e estilística, sendo que, em cada contexto comunicativo, a língua muda para se adequar à situação. Existindo fatores internos e externos que atuam sobre ela, chamados pela Sociolinguística de *condicionadores*, atuam como fatores reguladores que condicionam nossas escolhas entre uma ou outra variante, conforme apresentam Coelho *et al.* (2018).

Certos usos linguísticos trazem situações de preconceito, principalmente quando os falantes são de classes sociais de menor prestígio. Assim, a variação linguística é inferiorizada, tornando a língua um instrumento excludente e de reforço da desigualdade social. A língua acaba sendo um dos instrumentos mais sutis de poder e controle social, já que faz parte da identidade de cada sujeito, indo além do simples ‘uso’. Portanto, afirmar que alguém não sabe usar a própria língua, é afirmar que a língua não pertence a cada um de nós, que não está a serviço dos falantes, o que é um grande equívoco (BAGNO, 2003).

Esse preconceito, vinculado às variantes linguísticas dos falantes, serve apenas como pretexto para condenar e excluir os sujeitos que estão na extremidade oposta da norma culta,

ou seja, fora dos grupos sociais de maior prestígio (BAGNO, 2003).

A abordagem adequada do professor garante um ensino de língua inclusivo, que aceita e respeita as identidades dos alunos, fazendo com que tenham a mesma postura em relação à língua uns dos outros numa perspectiva de combate ao preconceito linguístico. Dessa forma, é possível uma prática que considere um ensino de língua que vá além do ensino de gramática¹ numa perspectiva prescritiva, mas que concebe a língua como um sistema heterogêneo e dinâmico. Desse modo, o professor incentiva os alunos a refletir sobre os usos da língua de acordo com as demandas sociais e contextos de comunicação, combatendo o preconceito linguístico e ampliando sua competência comunicativa.

RESULTADOS

Dentre as questões, três² foram analisadas, sendo: *(i) o que você entende por variação linguística? (ii) o que você considera “erro” (na fala e na escrita)? Como lida com isso? e, por fim, (iii) o que você entende por preconceito linguístico?*

Ao serem perguntadas sobre *(i)*, permaneceram na esfera regional, trazendo exemplos no nível lexical. Noutro ponto, as entrevistadas foram perguntadas sobre *(ii)* e as respostas carregaram certa confusão entre fala e escrita. Posteriormente, quando perguntadas sobre *(iii)*, em geral, permaneceram focadas na esfera regional, mas acionando fenômenos do nível fonológico/morfológico.

Percebeu-se que ainda há muito a realizar para que o trabalho docente nos Anos Iniciais lide com a variação linguística tal como sugerem os documentos e as pesquisas. Entre os docentes em formação, é necessário reiterar as discussões pertinentes ao ensino de língua, e entre os que já atuam no chão da escola, é importante incentivar a formação continuada e cursos de aperfeiçoamento.

CONSIDERAÇÕES

Considerando que a língua é a identidade dos sujeitos, o professor precisa estar munido dos conhecimentos necessários para que sua prática não os anule. É papel do professor garantir um ensino de língua que considere uma concepção científica da língua, na qual a variação e a mudança linguística são inerentes.

A análise do questionário mostrou que a maioria das entrevistadas necessita de mais conhecimentos sobre variação linguística. Sabemos que a atualização constante é muito importante, a exemplo do referencial teórico utilizado nesta pesquisa, que consiste, em sua maioria, em pesquisas recentes.

¹ Destaca-se que, conforme exposto em Görski e Siqueira (2017), o conceito de gramática, bem como o de demais termos linguísticos, são definidos de acordo com a teoria sobre a qual os estudos são realizados. Nesse ponto, quando se menciona gramática prescritiva (ou normativa), estamos nos referindo a uma perspectiva de regras para falar e escrever “corretamente”, de acordo com a norma padrão, que nada mais é que uma língua homogênea idealizada e tomada como modelo. A concepção de gramática assumida neste trabalho consiste numa gramática descritiva funcional, que considera as diferentes variedades da língua e seus usos.

² Vale destacar que a escolha de apenas três questões do questionário deu-se por conta das limitações da pesquisa, não sendo possível realizar uma análise mais aprofundada de todas as respostas.

Findando este trabalho, acreditamos que foi possível dar conta do objetivo proposto, mas com consciência de que há muito mais a investigar. Espera-se que os resultados suscitem nos professores o interesse pela reflexão sobre a prática e pela pesquisa. É de suma importância que variação linguística seja tema de discussão nas graduações e nas escolas de forma continuada para manutenção e renovação da prática docente, possibilitando um ensino pautado nos usos da língua, que cumpra com o papel de desenvolver as habilidades linguísticas dos alunos, em uma perspectiva de educação para a cidadania.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: Língua & Poder na Sociedade Brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Preconceito Linguístico/ o que é, como se faz**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

CYRANKA, Lucia F. Mendonça. A pedagogia da variação linguística é possível?. In: FARACO, Carlos Alberto. **Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade, ensino**. São Paulo: Parábola, 2015.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2018.

_____. **Linguagem Escrita e Alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2012.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de gramática. **Working Papers em Linguística**, [s.l.], v. 10, n. 1, p.1-5, 26 fev. 2009.

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8420.2009v10n1p73>.

_____.; FREITAG, Raquel M. K. O papel da Sociolinguística na formação dos professores de língua portuguesa como língua materna. In: MARTINS, Marco Antônio; TAVARES, Maria Alice. (Org). **Contribuição da Sociolinguística e da Linguística Histórica para o Ensino de Língua Portuguesa**. Natal: EDUFERN, 2013. (Coleção ciências da linguagem aplicadas ao ensino; v. 5). p. 11-52.

_____.; SIQUEIRA, Maria Aparecida. Para além da questão: (não) ensinar gramática?.

Working Papers em Linguística: Revista do Programa de Pós- Graduação em Linguística, Florianópolis, v. 18, n. 2, p.25-49, 2017. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2017v18n2p25>>. Acesso em: 22 out. 2018.

ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto. (Org.). **Pedagogia da Variação Linguística / língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.